

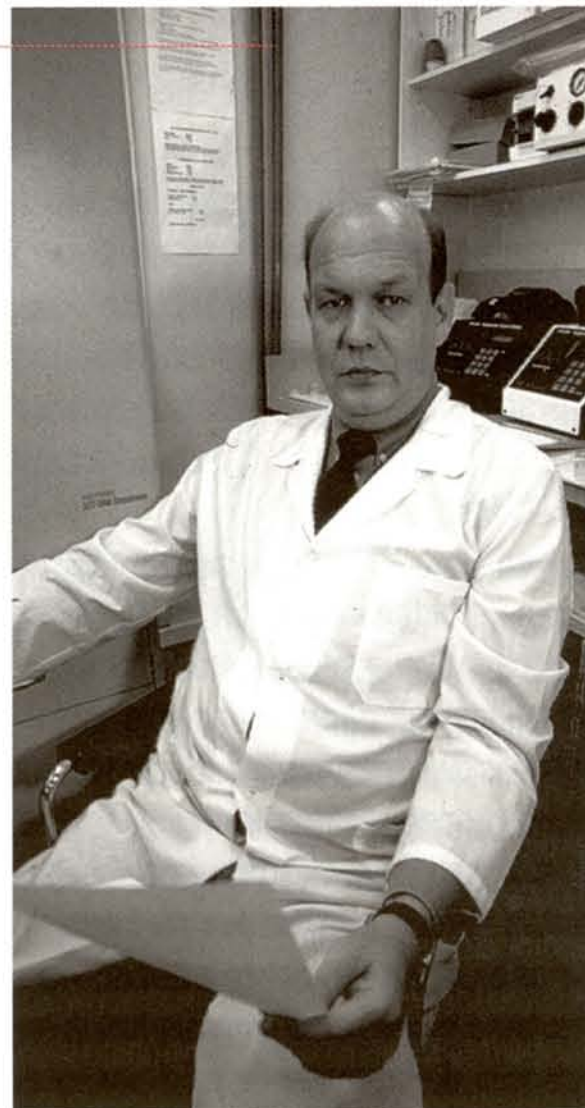
CONFERÊNCIA DO MÊS **OUTUBRO**

## OS PROJETOS GENOMA

O bioquímico Andrew Simpson (*foto*), do Instituto Ludwig de Pesquisa do Câncer, faz no dia 15 de outubro, às 10h, na sede do IEA, a conferência "Projetos Genoma: Objetivos e Perspectivas". Simpson é o Coordenador de DNA do Projeto Genoma-Fapesp, que até maio do ano 2000 deverá seqüenciar cerca de 2 milhões de pares de bases de DNA da *Xylella fastidiosa*, a bactéria causadora da Clorose Variegada dos Citros (CVC), doença conhecida como "praga do amarelinho" e que afeta 34% dos laranjais paulistas.

Graças a esse projeto, até o ano 2000, 33 laboratórios de pesquisa do Estado de São Paulo deverão estar dominando a técnica de análise de genoma e as tecnologias básicas de biologia molecular.

Impulsionados pelo sucesso do Projeto Genoma-Fapesp, que em maio já havia sequenciado 25% dos nucleotídios que compõem o genoma da *Xylella*, estão começando os Projetos Genoma-Câncer e Genoma-Cana. No caso do câncer, haverá a identificação de genes humanos com expressão mais nítida em tumores do que em células e tecidos saudáveis. No projeto sobre a cana, a meta é seqüenciar cerca de 50 mil genes que controlam o crescimento, o desenvolvimento, a produtividade, o teor de açúcar e outros parâmetros essenciais da planta.



ASSINE A REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS

[www.usp.br/iea/revista](http://www.usp.br/iea/revista)

## COQUIN FAZ CONFERÊNCIAS SOBRE RÚSSIA

A Cátedra Lévi-Strauss recebe em outubro o historiador François-Xavier Coquin, titular da cadeira de História Moderna e Contemporânea do Mundo Russo no Collège de France. No dia 7, às 14h30, no IEA, Coquin fala sobre "A Noção de 'Máscara' no Movimento Revolucionário Russo". No dia 8, às 14h, no Anfiteatro do Departamento de História da USP, o tema será "Origens e Gênese do Stalinismo". As conferências serão em francês. *Pág. 5*

## VANGUARDA E POLÍTICA NO TEATRO



Dia 14 de outubro tem início o Ciclo de Conferências "Teatro Moderno: das Vanguardas à Política", com Silvana Garcia (ECA/USP) e Iná Camargo Costa (FFLCH/USP). A primeira exposição será "A Ruptura com o Realismo-Naturalismo", com Silvana Garcia, às 15h, no IEA. O ciclo continua nos dias 21 e 28 de outubro e 4 de novembro. O teatro épico de Bertold Brecht (*foto*) e Piscator será tema de conferência de Iná Camargo Costa, em novembro. *Pág. 2*

Foto: Miguel Boyayan (no alto) / reprodução (embaixo)

**pag. 3** A LÓGICA DA ECONOMIA GLOBAL E A EXCLUSÃO SOCIAL

**pag. 4** PETER BURKI REFLETE SOBRE TROCAS CULTURAIS

**pag. 6** REVISTA DISCUTE MANIFESTO COMUNISTA

**pag. 7** EVENTOS PÚBLICOS DE OUTUBRO E NOVEMBRO

### ARTE VANGUARDA E POLÍTICA NO TEATRO MODERNO

A partir do dia 14 de outubro, acontece o Ciclo de Conferências Temáticas "Teatro Moderno: das Vanguardas à Política", com quatro exposições das professoras Silvana Garcia (Escola de Arte Dramática da ECA/USP) e Iná Camargo Costa (FFLCH/USP).

Futurismo, Cubo-Futurismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo - as chamadas vanguardas históricas - foram responsáveis pelas grandes transformações das artes, projetando através de seus procedimentos radicais o ritmo vertiginoso das transformações sociais que a Europa atravessava no início do século. Aparentemente situado num segundo plano nesse movimento de renovação, deflagrado antes em áreas como a literatura e as artes plásticas, o teatro logo tornou-se o meio mais expressivo para a expansão dos ideais das vanguardas.

Segundo as conferencistas, "a passagem do teatro para o proscênio das atividades vanguardistas aconteceu de modo orgânico, uma vez que o próprio comportamento teatralizado dos artistas e a natureza de suas manifestações - que pressupunham uma interação constante com uma platéia presente e ativa - , apontavam naturalmente para o palco como pódio privilegiado de irradiação".

As vanguardas propuseram o escândalo como resolução de comportamento artístico em contraposição à aura da uni-

*Brecht e  
Maiakóvski:  
possibilidades  
políticas do teatro  
de vanguarda*



versalidade, perenidade e sublimidade da obra de arte cultivada pelo gosto do espectador do século 20, explicam as conferencistas. No movimento que culminou com a Revolução de 1917, artistas como Maiakóvski e Meyerhold aderiram com entusiasmo às perspectivas abertamente políticas dessas atividades teatrais. Suas técnicas dramatúrgicas, de encenação e direção foram adotadas por artistas em vários países: "Na Alemanha, Piscator e Brecht destacam-se entre os adeptos desses experimentos. O teatro épico de Brecht se apresenta como um importante resultado disso".

Doutora em artes cênicas, Silvana Garcia é professora da Escola de Arte Dramática da ECA/USP desde 1987.

Também foi professora do curso de pós-graduação do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. É autora dos livros "Teatro da Militância" e "As Trombetas de Jericó: Teatro das Vanguardas Históricas".

Iná Camargo Costa é doutora em filosofia e professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP. Escreveu os livros "A Hora do Teatro Épico no Brasil" e "Sinta o Drama" (a ser lançado este ano).

#### PROGRAMA DO CICLO

**14 de outubro** - "A Ruptura com o Realismo-Naturalismo", com Silvana Garcia.

**21 de outubro** - "O Teatro das Vanguardas Históricas", com Silvana Garcia.

**28 de outubro** - "A Vanguarda na Revolução (Meyerhold e Maiakóvski)", com Iná Camargo Costa.

**4 de novembro** - O Teatro Épico (Piscator e Brecht)", com Iná Camargo Costa.

As conferências serão sempre às 15h, na sede do IEA. As vagas são limitadas. As inscrições podem ser feitas até 13 de outubro. A taxa de inscrição é de R\$ 30,00. Informações: telefones (011) 818-3919 e 818-4442, fax (011) 211-9563 e e-mail <iea@edu.usp.br>.

### GLOBALIZAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

ECONOMIA

INFORMATIVO DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A partir da década de 70, um fato novo alterou a qualidade e a velocidade da globalização de maneira radical: o desenvolvimento da tecnologia de informação a custos decrescentes junto com uma revolução nas telecomunicações. Isso permitiu a segmentação das cadeias produtivas, com implicações que vão do perfil de atuação do Estado à mudança do paradigma do emprego, inclusive com o crescimento do trabalho informal.

Desde junho de 1997, Gilberto Dupas, coordenador da Área de Assuntos Internacionais, conduziu um estudo detalhado sobre essas transformações. A pesquisa "A Lógica da Economia Global e a Exclusão Social" agora está sintetizada num relatório final (será publicado no nº 34 da revista "Estudos Avançados").

Em entrevista sobre os resultados da pesquisa, exemplificou o processo de fragmentação das cadeias produtivas com o caso da China, que "se transformou num entreposto das cadeias globais e recebeu, em média, nos últimos cinco anos, entre 30 e 40 bilhões de dólares de investimento direto de transnacionais". Em compensação oferece às transnacionais trabalhadores de baixa qualificação mas com salários de 30 a 40 dólares, comentou. "O Estado comunista chinês está subsidiando a mão de obra, pois fornece o *welfare*, proteção do Estado, assistência médica, etc."

A produção global conseguiu concentrar muito seus principais agentes de produção, investindo cada vez mais em tecnologia, para possibilitar, entre outras coisas, a queda de preço dos produtos, explicou Dupas. "Isso permitiu incorporar mercados pela redução de preços das mercadorias e serviços e não necessariamente pelo elevação da renda dos consumidores."

Na outra ponta há a fragmentação, que incorpora muitas empresas médias, pequenas e até familiares, "mas apareceram também os sintomas de fragilização da mão de obra, que se tornou flexível. Essa mão de obra deixa de ter o amparo do Estado e também não tem o *welfare* privado. Começou a surgir uma sensação de que essa lógica global aumentava a exclusão social".

Na pesquisa foi adotado um corte econômico para avaliar o conceito de exclusão, sujeito a muitas interpretações. "Analisamos a renda direta (trabalho) e a indireta (*welfare* do Estado). Observamos que a partir dos anos 80, nos vários países analisados, exceto EUA e do Reino Unido, o desemprego au-



Dupas: "Existe uma dialética da concentração e fragmentação"

mentou." A tendência geral, com exceção dos EUA, é que cresça o desemprego nos países centrais, avalia Dupas. "Entretanto, ao contrário do que diz o discurso neoliberal, na maioria desses

países os gastos com *welfare* também aumentaram, como medida compensatória e legitimação política para a inserção na globalização."

A pesquisa demonstrou que a única maneira garantida de minimizar a questão do desemprego é o crescimento econômico. Entretanto, "como o padrão tecnológico, o paradigma do trabalho, a demanda por emprego e sua flexibilização se alteraram, apenas crescimento econômico não basta".

No Brasil, houve uma queda grande do PIB em 87 e 88 e o desemprego ficou relativamente estável. "Era um período de grande inflação entre os choques que permitia que os salários fossem rebaixados." A partir do início dos anos 90, o patamar de desemprego subiu, especialmente a partir de 1995. Segundo Dupas, isso aconteceu por causa das duas fases de ajuste estrutural da economia: a primeira foi na crise dos anos 80 e a segunda a partir da abertura à economia internacional.

Nos anos 80, a indústria brasileira estava acostumada a reajustar o trabalho *a posteriori*. A partir dos anos 90 o Brasil foi aberto à economia internacional de forma intensa e as empresas mudaram de estratégia: "Tornou-se mais sensível a relação entre desemprego e crescimento, com as empresas começando a reduzir pessoal e terceirizar preventivamente".

Outro fator para essa mudança de patamar foi o crescimento da pobreza urbana, pois o país teve um dos processos de urbanização mais radicais do mundo nos últimos 50 anos. "Em consequência de tudo isso, constata-se a partir do início da década uma explosão do chamado trabalho informal que, entretanto, apresentou nos últimos anos crescimento da renda média maior do que o trabalho formal."

### CULTURA

## OS TIPOS DE TROCAS CULTURAIS E SEUS EFEITOS

Os processos de trocas culturais são importantes para disciplinas como história cultural, antropologia, sociologia, crítica literária e teologia. As palavras para defini-los são muitas: empréstimo, hibridismo, recepção, negociação, sincretismo, aculturação, transculturação. "Agora, em inglês, temos *inculturation*, *unculturation* e *interculturation*. São palavras demais e isso gera confusão", segundo o historiador inglês Peter Burke, da Universidade de Cambridge e ex-professor visitante do IEA.

Na palestra que fez no Instituto em agosto, Burke disse que esses problemas já eram debatidos na Roma Antiga: "Uma das polêmicas era sobre imitação, se para ser um bom escritor seria útil ou não imitar Cícero ou Virgílio e que tipo de imitação era mais apropriada, se a criativa ou a mais mecânica".

Fala-se em apropriação atualmente, mas "Santo Agostinho e São Jerônimo já usavam a palavra 'espoliação', mais concreta, nas discussões sobre se era bom ou não para os cristãos utilizar as riquezas da cultura pagã greco-romana", comentou. Outra palavra importante sobre troca cultural no século 16 era "acomodação" - equivalente ao atual uso de "recepção" -, "como na idéia de que era preciso modificar a mensagem cristã para acomodá-la aos costumes de um povo".

Burke lembrou que o jesuíta italiano Matteo Ricci, mandado à China no século 16 para converter os chineses, tinha como estratégia dizer que a mensagem cristã não era contra as idéias de Confúcio, mas complementar. "Nós falamos de sincretismo e hibridismo, mas já na Renascença havia forte consciência desses problemas, só que o vocabulário era diferente. Falava-se de reconciliação de Platão com Aristóteles e de harmonização de Platão com a teologia cristã."

Apesar de se considerar um minimalista, Burke reconhece a necessidade de várias palavras para se fazer distinções importantes entre situações diversas. "Há a questão de troca entre iguais ou desiguais. Na América Latina, os jesuítas faziam parte do sistema colonial e era difícil resistir ao Cristianismo, que chegava com as tropas coloniais. Mas Ricci era praticamente só na China e a acomodação lhe era mais conveniente."

Outra diferenciação importante é a existência de culturas relativamente abertas e outras relativamente fechadas. "Um bom exemplo é a história cultural do Japão, que teve uma grande onda de ocidentalização depois de 1868, quando da Restauração



Burke:  
"Um dos cenários futuros é a reconfiguração cultural"

Meiji. Houve grande interesse em tudo que era ocidental, mas não foi em 1868 que isso começou. O que mudou foi o estrangeiro importante, que antes era a China."

O terceiro tipo de distinção refere-se aos locais de encontro cultural, "pois pode-se falar de encontros culturais nas metrópoles e nas fronteiras". A Veneza do século 16 e a Amsterdã do século 17, grandes cidades comerciais marítimas, "estavam repletas de estrangeiros e com muitas condições para inovação cultural". Nas fronteiras dá-se um outro tipo de contato e de troca: "A fronteira entre a Cristandade e o Império Otomano nos séculos 16 e 17, por exemplo, era mais uma fronteira político-militar do que uma fronteira cultural".

Para Burke existem três reações possíveis: aceitar com entusiasmo o que é estrangeiro; resistir, como no caso da italofofia que se seguiu à italoquia do século 16; e a segregação, que acompanha o processo no qual as elites de um país não querem fechá-lo culturalmente por completo, caso dos chineses e turcos no século 19.

A consequência mais óbvia das trocas culturais é a mistura de tradições: "Na Renascença houve a descoberta da arquitetura da antigüidade clássica. Primeiro imitavam-se os detalhes clássicos em igrejas e palácios, mas mantinha-se a estrutura medieval. Tentou-se depois imitar também a gramática arquitetural clássica. Tratava-se de uma reestruturação ou reconfiguração".

Burke vê três cenários para o futuro, dois muito debatidos e um que não é discutido o suficiente: "O mais óbvio é a globalização forçando a homogeneização, mas com resistências espalhadas pelo mundo; o segundo é a mistura cultural global; o terceiro e pouco estudado é a possibilidade de reintegração - como na arquitetura da Renascença -, uma reconfiguração em escala mundial.

### A CULTURA DA SUSPEITA NA RÚSSIA

Em 1921, Lênin denuncia no X Congresso as forças contra-revolucionárias e não hesita em declarar que “os guardas brancos querem e sabem se disfarçar em comunistas, e mesmo em comunistas de extrema esquerda, com o único fim de enfraquecer e destruir as fortificações da revolução proletária na Rússia”. Máscara e disfarce fazem assim sua entrada oficial no vocabulário político da Rússia soviética, segundo o historiador François-Xavier Coquin, que faz dia 7 de outubro, às 14h30, no IEA, a conferência em francês “A Noção de ‘Máscara’ no Movimento Revolucionário Russo” (no dia 8, às 14h, no Anfiteatro do Departamento de História da USP, ele fala sobre “Origens e Gênese do Stalinismo”, também em francês).

Coquin retraça as origens da prática da máscara e do disfarce à época de Ivan IV e Pedro, O Grande, mas vê essa prática atingir uma extensão considerável depois da revolta de dezembro de 1825, durante o reinado de Nicolau I.

Segundo o historiador francês, “o segredo de que se cercava a autocracia, a ausência de uma imprensa independente e de qualquer controle público, ou ainda a



toda poderosa e arbitrária burocracia, que restringia a vida política ao subsolo e à ilegalidade, tinham produzido na Rússia uma cultura bem particular, caracterizada pela prática da clandestinidade, uma obsessão pelo mascarado e/ou do traidor a desmascarar e todo um atavismo de espionagem e de suspeita que impregnava

partidários e adversários do regime”.

É a esse passado de clandestinidade, de desconfiança quase instintiva e de vigilância sempre alerta que Lênin faz eco em seu discurso em 1921. Entretanto, ao fazer isso, além de tirar lições de suas experiências passadas, Lênin acabava por contribuir para a transposição e perpetuação na Rússia soviética dessa cultura de suspeita, de clandestinidade e de máscara “à qual seus ouvintes eram receptivos, a começar por Stálin, que reprovava em seguida seus colaboradores por serem ‘cegos como gatinhos’, para os incitar à vigilância”, ressalta Coquin.

De acordo com o historiador, a mais funesta herança da autocracia ao regime soviético talvez seja a cultura policlesca da clandestinidade e do jogo duplo, a obsessão pelo traidor ou inimigo a desmascarar, tudo como a rainha da suspeita e seu corolário: a obrigação de denunciar, herdada também da era autocrática. “Não é descabido pensar que essa cultura política - junto com a religião do consentimento e a ausência de separação dos poderes - não seja estranha à ascensão de Stálin e, na falta de um melhor termo, do stalinismo.”

#### QUEM É COQUIN

Um dos mais renomados estudiosos da história russa e da Revolução de 1917, François-Xavier Coquin é titular da cadeira de História Moderna e Contemporânea do Mundo Russo no Collège de France desde 1993. Também é diretor do Centro de Pesquisa sobre a História dos Escravos na Universidade de Paris I (Panthéon-Sorbonne).

Entre 1959 e 1990, Coquin realizou nove missões de pesquisas em universidades, museus e arquivos de Moscou, Leningrado e Varsóvia. Dentre seus principais livros figuram “A Sibéria: Povoamento e Imigração Camponesa no Século 19” (1969), “A Revolução de 1917” (1974), “1905: A Revolução Fracassada” (1985) e “Dos Pais do Povo ao Pai dos Povos: A Rússia de 1827 a 1929” (1991).

#### CÁTEDRA LÉVI-STRAUSS

Ínaugurada oficialmente em maio com a conferência “Ética e Neurociência” de Jean-Pierre Changeux, a Cátedra Lévi-Strauss é fruto de convênio entre a USP e o Collège de France. O historiador Nathan Wachtel, especialista em culturas ameríndias, também já fez conferência no IEA dentro da programação da cátedra, que deve continuar a receber professores do Collège de France. Todavia, esse novo posto de pesquisa no Instituto estará aberto à participação de pesquisadores de outras instituições francesas e brasileiras.

REVISTA



Marx e Engels: manifesto para a vanguarda do movimento operário

## 150 ANOS DO MANIFESTO COMUNISTA



Considerado por Eric Hobsbawm o panfleto mais importante desde a "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão" da Revolução Francesa, o "Manifesto do Partido Comunista", escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, continua a ter grande impacto. Isso fica evidente pelos inúmeros eventos e publicações sobre ele este ano, quando se comemora o sesquicentenário de sua primeira edição.

O nº 34 da revista "Estudos Avançados", a ser lançado em novembro, terá como destaque uma nova tradução - direto do alemão - do "Manifesto", feita por Marcos Mazzari. A tradução estará acompanhada de texto escrito por Leandro Konder sobre a chegada do panfleto ao Brasil. Para responder à pergunta "O que está vivo e o que está morto no 'Manifesto Comunista'?", contribuem com a revista Jacob Gorender, Rubens Ricupero, Paulo Arantes, Nodari Simonia, Raymundo Faoro, Ignacy Sachs, Aníbal Quijano, Fábio Wanderley Reis, Wolfgang Fritz Haug, Fábio Konder Comparato, Plínio de Arruda Sampaio Jr., Ruy Fausto e Fernando Haddad.

De acordo com Marcus Mazzari, o "Manifesto" tem uma linguagem fluente

mas não é tão coloquial, pois foi dirigido à classe operária com certa instrução: "Hobsbawm deixa isso claro quando fala dos leitores do 'Manifesto', a vanguarda do movimento operário, na verdade". Ao mesmo tempo, o texto é muito rigoroso e com muitas alusões literárias. "É uma obra extremamente imagética. Um dos que chamam a atenção para isso é Brecht, que versificou uma parte do 'Manifesto'. Há imagens que foram emprestadas da obra de Heine, por exemplo."

A tradução foi feita a partir da edição estabelecida por Engels em 1890. "Sempre que necessário acrescentei notas e comparações das edições. O conteúdo, através de algumas alterações, fica mais compreensível na versão de 1890; em algumas passagens, porém, isso acontece nas edições de 1872 e 1888."

Para o historiador Jacob Gorender, "no texto breve e juvenil do 'Manifesto', podemos encontrar aqueles pontos fortes do marxismo, que explicam o seu impulso vitorioso, mas também as teses que vieram a ser contestadas pelo desenvolvi-

mento histórico". Destaca o fato de o proletariado mais forte, nos países capitalistas economicamente mais avançados, ter rejeitado a revolução socialista e dado preferência à conquista de benefícios reformistas no quadro do regime burguês: "As revoluções de inspiração socialista somente foram vitoriosas nos países de predominância camponesa, onde o proletariado era fraco".

Ruy Fausto considera o "Manifesto" um grande texto, mas que, 150 anos depois, precisa ser manejado com cuidado: "Ele pode ainda ser um instrumento de análise e de combate; porém ele (ou parte dele) pode servir também - e com certa 'base' - como ideologia de novas formas de exploração e de opressão".

A edição conta ainda com as seções "Nuestra América" e "Arte e Literatura". O sociólogo Rodrigo Montoya é um dos participantes da primeira, com o artigo "Todas las Sangres: Ideal para el Futuro del Peru", uma crítica ao livro de Mario Vargas Llosa "La Utopia Arcaica, José María Arquedas y las Ficciones del Indigenismo" (1996). Na segunda, um dos textos é "Amplitude e Variedade do Modo de Escrever Realista", de Bertold Brecht, cujo centenário de nascimento ocorre este ano.

Informações sobre assinatura e edições da revista podem ser obtidas pelos telefones (011) 818-3919 e 818-4442, fax (011) 211-9563, e-mail <estavan@edu.usp.br> e no site <www.usp.br/iea/revista>.

# programação ie]

## outubro

out • nov • 98

DIA	HORA	TEMA	CONFERENCISTA	INICIATIVA
7	14h30	LA NOTION DE "MASQUE" DANS LE MOUVEMENT REVOLUTIONNAIRE RUSSE	François-Xavier Coquin (Collège de France)	Cátedra Lévi-Strauss
8	14h	SOURCE ET GENÈSE DU STALINISME Local: Anfiteatro do Departamento de História da USP, Cidade Universitária, São Paulo		
13	14h30	STATE AND PUBLIC POLICIES	Alex Demirovic (Universidade da Cidade de Nagoya, Japão), Joachim Hirsch (Universidade de Frankfurt, Alemanha), Lenina Pomeranz (IEA) e Tamás Szmreczányi (Feac/USP)	Assuntos Internacionais e Instituto Goethe
14	15h	TEATRO MODERNO: DAS VANGUARDAS À POLÍTICA * A Ruptura com o Realismo-Naturalismo	Silvana Garcia (ECA/USP)	Ciclo de Conferências Temáticas
15	10h	PROJETOS GENOMA: OBJETIVOS E PERSPECTIVAS	Andrew Simpson (Instituto Ludwig)	Conferência do Mês
21	10h	ASIA-PACIFIC AND JAPAN-BRASIL RELATIONS	Nobuo Matsunaga (Instituto de Relações Internacionais do Japão)	Assuntos Internacionais e Fundação Alexandre de Gusmão
21	15h	TEATRO MODERNO: DAS VANGUARDAS À POLÍTICA * O Teatro das Vanguardas Históricas	Silvana Garcia (ECA/USP)	Ciclo de Conferências Temáticas
28	15h	TEATRO MODERNO: DAS VANGUARDAS À POLÍTICA * A Vanguarda na Revolução (Meyerhold e Maiakóvski)	Iná Camargo Costa (FFLCH/USP)	

## novembro

4 e 5	9h	MITOPOÉTICAS: DA RÚSSIA ÀS AMÉRICAS Local: Centro de Estudos Japoneses da USP Cidade Universitária, São Paulo	Aurora Bernardini (FFLCH/USP) e Jerusa Pires Ferreira (PUC/SP)	Grupo de Estudos sobre os Países Socialistas em Transformação
4	15h	TEATRO MODERNO: DAS VANGUARDAS À POLÍTICA * O Teatro Épico (Piscator e Brecht)	Iná Camargo Costa (FFLCH/USP)	Ciclo de Conferências Temáticas
24	10h	REGARDS CROISÉS SUR LE BRÉSIL DU XVI <sup>e</sup> SIÈCLE: ANDRÉ THEVET ET JEAN DE LÉRY	Frank Lestringant (Universidade de Lille, França)	Núcleo de Pesquisa Brasil-França

\* As inscrições para o Ciclo de Conferências Temáticas "Teatro Moderno: Das Vanguardas à Política" devem ser feitas até 13 de outubro, no IEA. A taxa é de R\$ 30,00

Programação sujeita a alterações.  
Entre em contato com o IEA no dia anterior ao previsto para o evento.

IEA • Travessa J. 374 • térreo  
Cidade Universitária • São Paulo • SP  
As exceções constam da tabela  
**LOCAL**

Telefones (011) 818 3919 e 818 4442 • Fax (011) 211 9563  
e-mail: [iea@edu.usp.br](mailto:iea@edu.usp.br) • homepage: [www.usp.br/iea](http://www.usp.br/iea)  
**INFORMAÇÕES**

**NOTAS**

## ECONOMIA POLÍTICA

O IEA conta agora com um Grupo de Estudos de Economia Política, sob a coordenação do economista Paulo Nogueira Batista Jr., da FGV/SP e ex-professor visitante do Instituto. O objetivo central do grupo é o estudo de questões sobre o desenvolvimento da economia brasileira, como crescimento econômico e estabilização monetária, distribuição da renda, fortalecimento da autonomia nacional e integração latino-americana. Os pesquisadores esperam

contribuir com a elaboração de propostas concretas, dada a relativa escassez de trabalhos de caráter programático sobre economia e políticas públicas. Os estudos abrangerão: 1. finanças públicas, incluindo questão tributária e gastos financeiros e não-financeiros; 2. políticas monetária e cambial; 3. crescimento econômico, geração de empregos e distribuição de renda; 4. autonomia nacional no atual contexto econômico mundial.

## AB'SÁBER É PREMIADO

O geógrafo e ambientalista Aziz Ab'Sáber (*foto*), professor honorário do IEA e um dos responsáveis pelo Projeto Floram, recebeu o Prêmio Santista de Meio Ambiente de 1998. A cerimônia de entrega ocorreu no dia 23 de setembro no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista. O prêmio é concedido anualmente desde 1955 pela Fundação Santista, mantida pela Santista Alimentos S.A. Cada ano uma área do conhecimento é contemplada. Este ano a premiação foi para Ciências Biológicas, Ecológicas e da Saúde. Os outros premiados foram: Ivan da Mota e Albuquerque (Imunologia), Edécio Cunha Neto ((Imunologia - Categoria Juventude) e Guarino Rinaldi Colli (Meio Ambiente - Categoria Juventude).



Foto: Daro Borelli

**Avançados estudos**  
 Universidade de São Paulo  
 Reitor Jacques Marcovitch  
 Vice-Reitor Adolpho José Melfi

ano X . nº 53  
 out . nov  
 1998

**Instituto de Estudos Avançados**  
**Conselho Deliberativo**  
 Alfredo Bosi (diretor)  
 Edwin Ricardo Vásquez  
 Franklin Leopoldo e Silva  
 Gerhard Malnic  
 Gilberto Dupas  
 Imre Simon  
 Pedro Leite da Silva Dias  
 Renato Helios Migliorini

**Redação e Edição**  
 Mauro Bellesa (MTB-SP 12.739),  
 E-mail <mbellesa@usp.br>  
 Travessa J, 374, térreo, Cidade  
 Universitária, 05508-900, São Paulo,  
 SP, Telefones (011) 818 3919 e  
 818 4442, Fax (011) 211 9563,  
 E-mail <iea@edu.usp.br>

**Editoração Eletrônica**  
 MC&L Editoração e Design

**Fotolito**  
 Bureau Bandeirante

**Impressão**  
 Coordenadoria de Comunicação  
 Social da USP

**Estudos Avançados circula quatro  
 vezes ao ano (março/abril, maio/junho,  
 agosto/setembro e outubro/novembro)**

**Avançados estudos**

Av. Prof. Luciano Gualberto - Travessa J, 374 - térreo - Cidade Universitária - 05508-900 - São Paulo - SP  
 Telefones: (011) 818 3919/818 4442 - Fax (011) 211 9563 - iea@edu.usp.br - www.usp.br/iea

INFORMATIVO DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ie] **A**

ano X

nº 53

outubro . novembro

1998

IMPRESSO